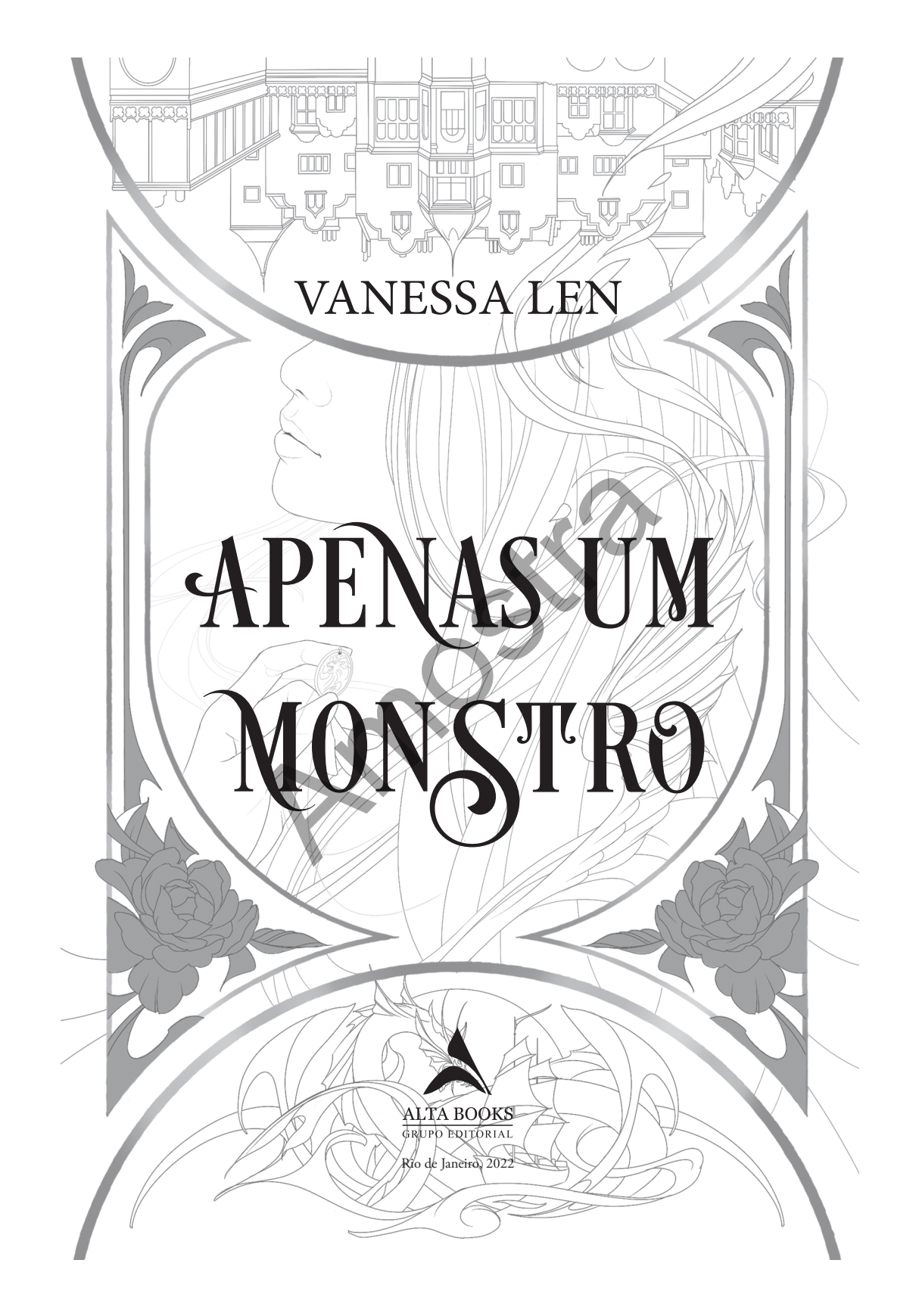


The book cover features a detailed line drawing of a woman's face in profile, looking upwards. She has long, flowing hair and is holding a small, ornate object in her hand. The background is filled with intricate architectural details, including a large building with many windows and a balcony. The entire scene is framed by a decorative border with floral and scrollwork motifs. The title 'APENAS UM MONSTRO' is written in a large, stylized font across the center, and the author's name 'VANESSA LEN' is at the top.

VANESSA LEN

APENAS UM
MONSTRO



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2022



PRÓLOGO

Aos 6 anos de idade, Joan decidiu que seria o Superman quando crescesse. Ela disse ao pai que precisava da fantasia para poder praticar. Ele nunca gostou de gastar dinheiro, mas pintou um S na camiseta azul de Joan e encontrou um pano vermelho que a filha poderia usar como capa. Ela os vestia para dormir todas as noites.

— Superman? — Sua avó torceu o nariz quando Joan foi ficar com ela em Londres naquele verão. — Você não é um herói, Joan. — Ela abaixou a cabeça grisalha como se fosse contar um segredo. — Você é um monstro.

Ela disse *monstro* como se ser um monstro fosse algo tão especial quanto ser um elfo.

A avó estava arrumando a cama de Joan no quarto de hóspedes, e Joan ajudava a colocar os travesseiros nas fronhas. O quarto cheirava a roupa recém-lavada. O sol da manhã iluminava cada canto.

— Monstros se parecem com aranhas gigantes — disse Joan. — Ou robôs.

Ela havia assistido desenhos animados o suficiente para saber. A avó às vezes contava piadas sem sorrir. Talvez aquela fosse uma brincadeira também.

Porém, os olhos da avó não estavam brilhantes com uma piadinha oculta. Estavam sérios.

— Esses são monstros de mentira — disse ela. — Monstros de verdade se parecem comigo e com você.

Joan e a avó não eram tão parecidas assim.

Joan puxara o lado do pai, o da família Chang. Seu pai se mudara da Malásia para a Inglaterra aos 18 anos. Ele tinha bochechas redondas, com sardas, olhos estreitos e cabelo preto e liso como o de Joan.

A avó se parecia com as fotos de sua mãe. Cabelo ondulado que flu-tuava em volta da cabeça como uma nuvem, e olhos verdes que eram as-tutos demais para o rosto. Algumas vezes, Joan via a mesma expressão desconfiada em sua própria face no espelho. “*O olhar da família Hunt*”, como dizia a avó.

A avó terminou de alisar o edredom e sentou-se na beirada da cama. Isso fez com que ela e Joan ficassem da mesma altura.

— Monstros são os caras malvados — disse Joan, cética.

Nos desenhos, os monstros ficavam à espreita, debaixo da cama. Ti-nham risadas assustadoras que eram longas demais. *Comiam* pessoas. Na escola, a Sra. Ellery havia contado que os chineses comiam gatos, o que fez Joan se sentir como um dos caras malvados, mas com a mesma resistência de agora. Ela não era. *Não era*.

Por algum motivo, isso fez a avó sorrir:

— Você me lembra a sua mãe às vezes.

Joan não sabia o que isso tinha a ver com monstros. Mesmo assim, segu-rou a respiração e esperou que a avó contasse mais. A mãe morrera quando Joan era um bebê, e a avó raramente falava dela. Em casa, havia fotos dela sobre a televisão e na parede da sala de estar. Mas a avó não tinha fotos de ninguém. O que tinha eram quadros de campos e ruínas antigas.

— Meu pai diz que ela era esperta — arriscou Joan.

— E como! — A avó tirou os cabelos de Joan da frente do rosto. — E teimosa! Ela também não acreditava nas coisas sem ter provas.

Antes que Joan pudesse perguntar o que ela queria dizer com aquilo, a avó esticou o braço no ar, como se estivesse colhendo uma maçã do pé. Os cabelos na nuca de Joan se eriçaram, embora ela não soubesse dizer o porquê.

Quando a avó abriu a mão, estava segurando algo que brilhava como ouro no sol da manhã. Uma moeda, porém uma moeda que Joan nunca havia visto antes. De um lado, havia um leão alado; do outro, uma coroa.

— Eu sei como você fez isso — disse Joan.

Chamava-se *ilusionismo*. Sua prima, Ruth, havia lhe mostrado como fazer o truque com um botão. Dá para fazer algo aparecer ou desaparecer; é só escondê-lo entre os dedos e girá-lo para a palma.

A avó soltou a moeda na mão de Joan. Era mais pesada do que parecia.

— Consegue me mostrar? — perguntou ela. — Consegue fazê-la desaparecer?

O truque de Ruth fora difícil. Joan só havia conseguido acertar duas vezes, e devia ter deixado o botão cair umas cem. Mesmo assim, a expressão da avó era de expectativa, então Joan colocou a moeda no arco entre o dedão e o indicador e a equilibrou ali.

— Não — disse a avó. — Como eu fiz. — Ela colocou a moeda no centro da palma de Joan e fechou os dedos em torno dela. — Como os monstros fazem.

“*Mas eu não sou*”, pensou Joan. “*Não sou um dos caras malvados.*” E sua avó também não era. Joan havia passado quase todos os verões com ela, desde que se lembrava. Quando Joan tinha pesadelos, a avó se sentava com ela. Quando Joan encontrou um passarinho machucado no parque, a avó o enrolou em seu cachecol e cuidou dele até que pudesse voar de novo. Uma pessoa assim não era um monstro.

Joan se concentrou no peso da moeda até que não conseguisse mais senti-la. Ela abriu os dedos e mostrou a palma vazia para a avó. O sorriso dela foi caloroso.

— Do jeitinho dos monstros — disse, em aprovação. E acrescentou: — Existe uma regra que vem com esse truque.

— Uma regra? — perguntou Joan.

Em casa, com o pai, existiam regras sobre o que se podia ou não fazer. Roubar era errado. Ajudar as pessoas era certo. Mentir era errado. Prestar atenção na professora da escola era certo.

Os Hunt também tinham regras, mas era como se tivessem uma lista completamente diferente. Roubar não era nada de mais, mentir também não, desde que apenas para estranhos. Pagar as dívidas era certo. Ser leal à família era certo.

— Nós nos escondemos à plena vista — disse a avó. — Você sabe o que isso significa?

Ao redor, a casa parecia muito quieta. Até os pássaros haviam parado de cantar lá fora. Joan balançou a cabeça.

O carinho ainda estava lá, mas a expressão da avó ficou séria.

— Significa que ninguém pode saber o que os Hunt são. O que você é. — Ela abaixou a voz. — Você nunca deve falar sobre monstros com ninguém..





UM

Joan alisou os cabelos e conferiu pela última vez o espelho do corredor superior da casa da avó. Ela tinha um encontro. Com *Nick*. No reflexo, seu olhar era leve e feliz. Joan vinha fazendo trabalhos voluntários com ele no museu durante as férias. E havia passado o verão inteiro interessada nele, mas acontece que *todo o mundo* estava interessado em Nick.

Mordendo os lábios de nervoso como se achasse que ela poderia dizer não, ele a havia convidado para sair no dia anterior. Como se só de ficar na mesma sala que ele o coração dela já não ficasse todo descompassado.

Agora eles passariam o dia todo juntos, começando com um café da manhã na Kensington High Street. Joan olhou o celular. Faltava uma hora.

Estava nervosa também, tinha que admitir. Uma mistura de agitação e ansiedade, do tipo “esperando a montanha-russa começar”. Ela e Nick vinham se aproximando cada vez mais durante o verão, mas agora parecia o começo de algo novo.

Risadas subiram pelas escadas e Joan respirou fundo para se concentrar. Seus primos já estavam acordados. A familiar e confortável discussão deles a alcançou enquanto descia os degraus.

— A melhor pintura falsificada da National Gallery — dizia seu primo Bertie.

— Fácil — disse a outra prima, Ruth. — Monet, *O lago com nenúfares*.

— Essa não é falsa!

— Viu como é boa?

— Você não pode simplesmente dizer um quadro aleatório!

Joan já estava sorrindo quando chegou aos pés da escada. Durante a maior parte do ano, ela vivia com o pai em Milton Keynes. E gostava da vida tranquila com ele, mas amava isso aqui também, o barulho e a agitação da casa da avó. Ela passava todos os verões com a avó, e sempre ficava animada para ir.

Na cozinha, Ruth estava empoleirada no radiador quebrado debaixo da janela. Aos 17 anos, era um ano mais velha que Joan e seu outro primo, Bertie; mas, naquela manhã, parecia uma criança. Ainda estava de pijamas: uma calça flanelada cinza e uma camiseta dos *Transformers* com a logo dos *Decepticons*, aquela boca robótica pontuda. Cachos escuros emolduravam seu rosto.

— Tem algum chá nesse armário aí? — Ruth perguntou a Bertie.

Bertie esticou o pescoço enquanto manteve um olho ainda na frigideira com cogumelos e tomates:

— Só aquela coisa fumacenta que o tio Gus bebe.

Com um chapéu de palha que cobria o cabelo preto, parecia que ele estava vestido para uma festa de 1920 em um barco no rio Tâmsa. Todos os Hunt tinham um senso de estética excêntrico.

— Aquilo tem gosto de...

Ruth parou de falar quando viu Joan na porta da cozinha. Ela percebeu o vestido novo e o cabelo arrumado, e seu rosto se iluminou com um lento brilho de satisfação.

— Ruth — protestou Joan —, nem começa.

Mas ela já estava falando:

— Olha só para você!

— Entrevista de emprego? — perguntou Bertie. — Achei que você ainda fosse voluntária naquele museu.

— Vou tomar café com uma pessoa — disse Joan.

Ela já sentia que estava ficando vermelha.

— Ela se arrumou para um *encontro* — disse Ruth, colocando a mão sobre o coração. — É o cúmulo do romance nerd. Eles vão para o Museu V&A depois do café! Vão olhar *roupas medievais* juntos!

— Romance nerd!? — protestou Joan, mas não conseguiu conter um novo sorriso. — Você sabe que o V&A tem outras coisas também. Tem papéis de parede de época... Cerâmicas...

— Vai entrar para a história — disse Ruth. Com a mão ainda sobre o coração, ela se apoiou na janela. — Dois nerds se voluntariam para trabalhar no museu durante as férias de verão. Então, um dia, eles estão juntos passando pano no chão e olham um para outro por cima dos rodos...

Joan bufou e aproximou-se para roubar o canto não comido de uma torrada do prato de Ruth.

— Vocês deveriam ir ajudar qualquer hora — disse ela aos dois. — É bem divertido, viu? Semana passada a gente aprendeu a consertar cerâmicas quebradas.

— Qualquer dia, eu ainda vou gravar você falando para te mostrar como soa — disse Ruth, e dobrou os braços rígidos como os de um robô. — Eu sou a Joan. Eu amo serviços comunitários. Eu sou tão certinha, só atravesso a rua quando o semáforo diz que eu posso.

— É. É assim mesmo que eu falo — retrucou Joan.

Ruth sorriu. Ela era um ano mais velha que Joan, mas o relacionamento das duas sempre fora invertido. Ruth achava que regras eram um problema dos outros. Joan estava sempre agindo como a irmã mais velha, pegando as coisas roubadas dos bolsos da prima e devolvendo-as para as prateleiras, arrastando-a para o final da rua para que atravessassem no semáforo.

“Você é tão Madre Teresa”, Ruth dizia, mas com carinho. Elas se conheciam há tempo demais para saber que jamais mudariam a natureza uma da outra.

— Vamos lá — Bertie disse para Joan, e agora parecia tão interessado quanto Ruth. Ele colocou a frigideira inteira de cogumelos e tomates na mesa da cozinha. — Conta tudo.

— Deixa a gente viver esse romance nerd em detalhes — disse Ruth.

Joan chutou o sapato de Ruth.

— Eu gosto dele — disse aos dois.

— Não me diga — respondeu Ruth, com a paciência tolerante de quem passou o verão inteiro ouvindo sobre o tal de Nick. Ela se esticou para pegar um cogumelo da panela.

— Vocês sabem o resto. Nós vamos tomar café da manhã hoje. E aí vamos caminhar até o V&A.

— Aham — disse Ruth. — Aí os dois nerds em história vão se esconder atrás das exibições e... — Ela pôs o cogumelo nos lábios e o lambeu com movimentos exagerados. — Uhm... uhmmm...

— Ruth! — reclamou Bertie. — Eu cozinhei esses cogumelos.

— Uhmmm...

A voz rouca da avó soou da escada:

— Eu vou querer saber?

— Enfim... tenho que ir! — disse Joan, antes que a família toda comesse. — Até depois.

E agora Tio Gus e Tia Ada estavam descendo as escadas atrás de sua avó.

— Ir aonde? — perguntou Tio Gus.

— Ela tem um encontro — gritou Ruth.

— Espera! Eu quero mais detalhes! — chamou Tia Ada.

Joan correu para fora da cozinha.

— Falo com vocês depois — gritou do corredor.

— Um encontro com quem? — Escutou Tia Ada perguntar aos outros.

— Com aquele menino de quem ela gosta! — disse Ruth.

Bertie respondeu cantando:

— *Ela vai beijar o amor de verão em frente às roupas medievais!*

Joan caiu na risada.

— Tchau! Falou! — despediu-se e fechou a porta.

Ela ainda estava sorrindo quando passou pela Lexham Mews. Virou a Earl's Court Road e então chegou à Kensington High Street. Havia sido um verão escaldante e a névoa seca prometia outro dia quente.

Uma mensagem de Nick pulou na tela assim que Joan chegou à cafeteria: *Estou no metrô!* Joan suspirou, contente. Ele estava adiantado também, a menos de quinze minutos dali. Ela mordeu os lábios. Ainda nem acreditava que estava prestes a passar um dia todo sozinha com ele.

Ela pegou uma caneca de chá no balcão e a levou para uma mesa perto da janela. O sol entrava e batia quente sobre seu rosto. Ela se preparou para responder Nick, mas, assim que pegou o celular, sentiu uma lufada de vento quando a porta se abriu atrás de si.

Houve um estouro que teria causado o maior alvoroço no refeitório da escola de Joan. Ela se virou, assim como o restante da cafeteria.

Um homem estava de frente para uma mesa tombada, com os olhos arregalados e confusos. Cacos de louça e vidro tinham se espalhado pelo chão. Ele piscou algumas vezes ao ver a bagunça, como se outra pessoa a houvesse causado.

— Quero comprar flores — murmurou.

Um garçom resmungou perto de Joan:

— De novo não! — E gritou para outro funcionário: — Ray, pega o aspirador! Aquele bêbado voltou!

Para o homem, disse, cansado:

— Você não pode comprar flores aqui. Já falei várias vezes. Faz anos que isso aqui não é mais uma floricultura.

Joan se levantou devagar. Havia reconhecido o homem.

— Ei, ele não está bêbado — disse ao garçom.

O Sr. Solt era vizinho da avó de Joan, morava um pouco acima na mesma rua. Na semana anterior, ele perambulava para dentro da casa dela da mesma maneira confusa. Sua filha Ellie estava chorando quando chegou. *“Ele tem demência”,* explicara à avó. *“Ficou muito pior desde que a minha mãe faleceu ano passado. Metade do tempo, ele não sabe nem em que ano estamos.”*

— Senhor Solt? — Joan se aproximou, e seus sapatos esmagaram cacos. Havia vidro por todo lado.

O Sr. Solt usava pantufas macias; dentro delas, seus pés estavam descalços. Ele devia ter andado assim todo o caminho de casa até ali.

— Cadê o vendedor de flores? — Seu rosto estava franzido, confuso.

Ele era um homem grande de 70 anos, careca e com ombros largos. Naquele momento, entretanto, estava todo encolhido, como um menininho. Parecia que ia chorar.

Joan tentou convencê-lo a se afastar do vidro.

— O que acha de eu chamar a Ellie? — sugeriu. — Ela pode comprar algumas flores, aí vocês podem ir para casa.

Ela olhou rapidamente para o celular. Nick estaria ali em dez minutos.

— Está tudo bem — disse ao garçom, por cima do ombro. — Vou ligar para a filha dele.

De maneira convidativa, Joan tocou o braço do Sr. Solt e, para seu alívio, ele se permitiu guiar para longe do vidro e através da porta.

Lá fora, estava um raro dia de sol sem nuvens. Era cedo o suficiente para que a maioria das lojas em Kensington High Street ainda estivesse fechada.

— Vamos encontrar um lugar para sentar — Joan disse.

Porém, quando olhou em volta, não conseguiu ver nenhum banco. Ela caminhou até a parede que ficava entre a cafeteria e a agência bancária ao lado.

— O senhor quer se apoiar na parede enquanto esperamos? — sugeriu. O Sr. Solt piscou, confuso. — Vamos esperar aqui — explicou ela. — Vou ligar para a Ellie e nós esperamos por ela.

O Sr. Solt ficou parado, olhando sem expressão alguma para Joan. Naquele momento, ela teve uma sensação desconcertante. Algo terrível estava para acontecer, pensou, então se perguntou por que achava isso.

— Senhor Solt? — disse.

Ele cambaleou, esticou os braços e agarrou os ombros de Joan. Ela se afastou por instinto, e ele apertou mais os dedos.

Então foi estranho, como se estivessem lutando, mesmo que o Sr. Solt só quisesse recuperar o equilíbrio.

Joan olhou por cima dos ombros, tentando ver através da janela da cafeteria, mas estava longe, mais perto da agência bancária. Um motor começou a funcionar lá dentro. O aspirador de pó. Joan não conseguiria ajuda

da cafeteria. Ela olhou para o outro lado, o lado por onde Nick chegaria caminhando, mas Kensington High Street estava mais vazia do que nunca.

O Sr. Solt colocou mais peso sobre seus ombros. As pernas de Joan tremeram com o esforço de sustentá-lo. Ela se lembrou, ridiculamente, da vez em que tentou tirar o colchão da cama e, devido ao peso, caiu debaixo dele. Ela precisou gritar para seu pai ir tirá-lo, e depois ele riu tanto que precisou se segurar no batente da porta.

Ela tentou rir agora. Saiu um som alto e nervoso. Não estava assustada, disse a si mesma. Não exatamente. O Sr. Solt só estava confuso e tentava se equilibrar. Em um segundo, os dois conseguiriam firmar os pés.

Ela imaginou como contaria isso quando Nick chegasse. *“Aconteceu uma coisa doida antes de você chegar. O Sr. Solt meio que perdeu o equilíbrio, e eu também, então a gente só ficou cambaleando junto no meio da Kensington High Street.”*

Só que naquele momento os joelhos de Joan cederam.

— Senhor Solt! — gritou ela.

O Sr. Solt franziu o cenho. Por um segundo, reconhecimento cruzou seus olhos. Ele empurrou Joan para longe com um gesto confuso. Ela começou a tombar para trás enquanto esticava as mãos para agarrar o ombro, a camisa, ou *qualquer coisa* no idoso para não cair.

Suas costas bateram na parede com um baque dolorido, e, por um momento, tudo o que ela conseguiu ver foi aquele céu azul sem nuvens.

Então houve algo como um estalo.

E tudo ficou preto como se alguém houvesse apagado as luzes.

Joan conseguia ouvir a própria respiração ofegante. Estava totalmente desorientada. Esticou os braços no escuro, tentando tatear e descobrir onde estava, mas, assim que tentou, borrões de luz passaram roncando, fazendo-a parar.

Ela deu alguns passos para trás. As luzes haviam sido um carro.

Sua visão estava começando a se ajustar agora, mas a sensação de desorientação só piorava. Ela não conseguia entender o que estava vendo.

Do outro lado da rua, havia uma hamburgueria. Joan a conhecia bem, passara por ali dezenas de vezes.

Ela se virou. A cafeteria estava atrás dela, escura e vazia. Havia uma placa de FECHADO na janela. Ela não havia se mexido, percebeu. Ainda estava ali. Ainda no mesmo lugar em que o Sr. Solt a empurrara.

Mas o Sr. Solt havia sumido.

Joan ficou olhando em volta. Um momento atrás, estava esperando Nick chegar. O sol brilhava em seu rosto. Era de manhã.

Mas onde antes o céu reluzia azul, agora estava tudo preto. As estrelas brilhavam. A lua.

Era noite.



DOIS

Incrédula, Joan olhou para o céu escuro. Havia anoitecido. Não com um pôr do sol gradual, mas em um instante, como se alguém houvesse jogado um cobertor em cima do mundo.

Não fazia sentido. Um momento atrás, estava esperando Nick chegar, e agora...

Foi conferir a hora e percebeu, em uma nova onda de confusão, que não estava segurando o celular. Tinha uma vaga lembrança do aparelho escorregar de sua mão durante a agitação.

Um carro passou e iluminou a rua. O lugar onde seu telefone havia caído estava vazio. Joan deu um passo cambaleante, desorientada.

Um início de pânico começou a revirar o fundo de seu estômago. Ela deveria encontrar Nick ali para o café da manhã. Mas agora a cafeteria estava deserta e as cadeiras, empilhadas lá dentro. Seu olhar parou na placa de FECHADO mais uma vez.

Por Deus, o que será que tinha acontecido?

O Sr. Solt a empurrou, então... Joan tentou se lembrar. Então nada. Então era noite.

O som de vozes a fez se sobressaltar. Um grupo de meninas passou cambaleando pela Kensington High Street, conversando e dando risada. Elas estavam bem-vestidas e de braços dados para se manterem de pé, como se estivessem no meio de uma noitada.

— Opa, desculpa — disse uma delas ao passar perto demais de Joan.

O coração dela começou a disparar quando as viu partir. Era óbvio que estavam apenas curtindo uma noite fora, nada estranho acontecera a elas.

Joan fechou os olhos com esperança de que, ao abri-los, o mundo consertaria a si mesmo. De que seria de manhã. De que Nick estaria andando em sua direção lá de cima da rua. Porém, quando olhou novamente, o céu continuava escuro. As lojas da Kensington High Street continuavam fechadas e com as luzes ainda apagadas. E a *sensação* era de noite. A temperatura caíra no mesmo instante em que o mundo escurecera.

Joan beliscou o próprio braço. Doeu. O ar estava frio. O chão era firme sob seus pés. Não era um sonho.

Mas se era real... Joan se virou de novo para as janelas escuras atrás de si. Havia um cartaz com os horários do café: das sete da manhã às nove da noite. Se era real, existia um lapso em sua memória de pelo menos 13 horas.

Joan lutou contra um ataque de pânico. Levou a mão ao bolso, procurando o telefone. Precisava falar com Nick, dizer que estava ali, e se lembrou de novo que o celular desaparecera.

Outra onda de pânico. Então, foi demais. Estava sozinha, no escuro, sem qualquer memória do dia. De repente, quis ir para casa, para a casa da avó. Ela se sentiu como uma menininha de novo, como se houvesse caído e se machucado. Como se pudesse simplesmente ir para casa, ganhar um abraço da avó e aí tudo ficaria bem.

Joan cambaleou de volta pela Kensington High Street e então pela Earl's Court Road. Todas as ruas familiares pareciam diferentes no escuro. As lojas eram como conchas vazias. Que horas seriam? Parecia *tarde*.

O que acontecera? Será que fora nocauteada? Drogada? Será que era tudo imaginação? Cada possibilidade a deixava ainda mais assustada.

Em um surto de pânico, parou e apalpou as roupas. Ela descobriu, aliviada, que ainda estava completamente vestida, ainda arrumada para o encontro com Nick, de vestido leve e sandálias.

Será que era sonâmbula? Nunca havia feito isso antes.

Mas, por baixo de todas as especulações, havia outra pergunta, uma que estava assustada demais para encarar: *“O que foi que o Sr. Solt fez comigo?”*

A casa do Sr. Solt surgiu, sombria, perto da esquina com a Lexham Mews. Encolhida, Joan se afastou, com medo de que ele saísse pela porta. Então correu, tropeçou na calçada irregular e continuou correndo todo o caminho de volta, até trombar no escuro com os degraus da casa da avó.

Ela abriu a porta e a trancou atrás de si. Conferiu a fechadura, depois conferiu de novo. Quando se virou, esperava encontrar a casa escura e silenciosa. Mas, para sua surpresa, havia um facho de luz vindo da cozinha. Alguém continuava acordado.

A avó estava na mesa da cozinha, bebendo chocolate quente. Havia mais chocolate borbulhando no fogão. À porta, Joan hesitou, sem saber se estava encrencada ou não. O relógio dizia que era pouco depois da uma da manhã. Seu pai teria surtado se ela ficasse fora até tão tarde sem avisá-lo.

— Oi, meu amor — disse a avó, sem erguer os olhos. — Venha se sentar aqui.

Havia outra caneca de chocolate quente na mesa, notou Joan. Estava fumegando.

— Eu... — Joan não sabia o que dizer.

“Vó, acho que me drogaram. Ou talvez tenham me acertado na cabeça e eu desmaiei.” Nenhuma dessas opções parecia verdade.

— Aconteceu alguma coisa — ela conseguiu dizer. — Alguém fez algo comigo.

— Sente-se, meu amor — disse a avó, mais gentilmente, e deslizou o chocolate quente para Joan.

Ela se sentou e pôs as mãos em torno da caneca. Estava muito quente.

Os traços de sua avó pareciam mais suaves do que o comum à meia-luz. Ela usava um roupão de flanela e seus cabelos formavam um halo cinza ondulado. A senhora esperou Joan tomar um gole do chocolate e perguntou:

— O que aconteceu? Me conte exatamente.

Joan tentou se lembrar e o pânico borbulhou dentro dela de novo. O dia inteiro estava faltando de sua memória. Simplesmente não havia nada lá.

— O Sr. Solt fez alguma coisa comigo. Ele fez alguma coisa. Ele... ele me empurrou contra a parede. Então... — Ela encontrou o vazio dentro de sua mente de novo. — Então eu não lembro. Vó, não me lembro de nada que aconteceu desde esta manhã. — As últimas palavras saíram depressa.

— Ele te empurrou. — Sua avó soava tão calma que chegava a tranquilizá-la. — Você o empurrou de volta?

— O quê? — Era uma pergunta tão inesperada que, por um momento, Joan não soube como responder. — Não.

— Mas você o tocou. — A avó pôs um dedo na parte de trás do próprio pescoço. — Aqui.

Joan começou a dizer de novo que não, então se lembrou de como havia balançado as mãos para tentar se equilibrar. Ela tinha uma vívida memória de encostar o canto da mão na nuca do Sr. Solt.

— Era dia — disse a avó. — E depois era noite, sem nada no meio.

Joan olhou fixamente para ela. Fora exatamente assim que acontecera.

— Ele fez alguma coisa comigo — sussurrou ela.

— Ele não fez alguma coisa com você — disse a avó. — Você é que fez com ele.

— O quê?

— Meu amor, eu lhe contei o que você era quando você tinha 6 anos de idade.

Joan balançou a cabeça. Não conseguia desviar os olhos do rosto da avó.

A avó se inclinou mais para perto:

— Você é um monstro, Joan.

No fogão, o chocolate quente ainda borbulhava. Joan conseguia ouvir o tique lento do relógio. O mundo inteiro parecia reduzido aos olhos verdes da avó.

— Você quer dizer que eu posso fazer as coisas desaparecerem? — disse Joan. — Desaparecer e reaparecer?

Ela não era muito boa com isso. Se muito, aquela habilidade havia diminuído ao longo dos anos. Sua avó e Tio Gus conseguiam fazer desaparecer quadros inteiros, mas Joan nunca conseguira nada muito maior do que uma moeda.

À luz amarela da cozinha, os olhos da avó brilhavam tanto quanto os de um gato.

— Esse é o poder da família Hunt. Cada família de monstros tem seu próprio poder. Mas todos os monstros têm um poder em comum. Nós podemos viajar. Foi isso o que você fez.

— Viajar?

— Os humanos são presos no tempo. Monstros, não. Você roubou tempo daquele homem e o usou para ir desta manhã para esta noite. Você viajou no tempo.

Joan queria rir. Queria que a avó começasse a rir. Mas ela apenas a encarava.

— Do que você está falando? — perguntou Joan.

— Da vida. Você roubou algumas horas de vida dele.

— Não — disse Joan. Ela não estava entendendo.

— Você não pegou muito. Metade de um dia, talvez. Ele vai morrer meio dia antes do que deveria.

— Não!

Roubar vida de humanos... Os familiares de Joan sempre se chamavam de monstros, mas sua avó estava fazendo parecer que eram *monstros* de verdade. Como se predassem humanos. Claro, claro, eles até roubavam algumas coisinhas das lojas de vez em quando. Ruth sabia abrir o cadeado de uma bicicleta. Bertie entrava no cinema pela saída de emergência. Mas eles não *eram* monstros.

— Eu não — disse Joan. — Não roubei vida dele. Eu não faria isso. Nenhum de nós faria. E viajar no tempo... Bom, isso é meio...

Naquele momento, Joan viu o chapéu de Tio Gus no banco da cozinha. Era como todos os chapéus de Gus: muito bem cuidado. Aquele era castanho com uma elaborada faixa marrom. O tio era magro, com um estilo dos anos 1950, gostava de ternos caros e chapéus. Até seu cabelo era fora de moda: quase alisado e dividido de lado.

Joan pensou no que Tia Ada vestira na manhã anterior. Ada tinha um guarda-roupa eclético, e Joan sempre gostara disso. No dia anterior, ela acordara cedo; vestia um macacão de mecânico e lenço no cabelo, com um nó no topo. E no dia antes desse, um vestido branco, como se fosse a uma festa ao ar livre da década de 1920.

Como se fosse viajar de volta no tempo para uma festa ao ar livre na década de 1920.

Joan se empurrou para longe da mesa. O som da cadeira arranhando o chão soou mais alto no silêncio.

— Joan — disse a avó.

Joan apertou a lateral da mesa e meneou a cabeça de novo. Não sabia nem o que estava tentando negar.

Sua avó tinha algo na mão. Era o celular de Joan, o que ela havia derrubado na confusão com o Sr. Solt. A tela estava trincada.

— Não se esqueça da regra — disse a avó. — Ninguém pode saber o que nós somos. O que você é. Você nunca deve falar com ninguém sobre monstros.

No andar de cima, o quarto estava como Joan o havia deixado de manhã: a cama bagunçada e o pijama jogado sobre o travesseiro. Ela ficou olhando para o celular, para o longo e fragmentado estrago na tela. Alguém o havia desligado. A avó sabia que devia esperar por ela naquela noite, e aparentemente sabia que precisava recuperar o celular também. Joan engoliu em seco.

Ela ligou o aparelho. Quando a tela acendeu, sentiu como se um balde de água fria tivesse caído sobre sua cabeça. Havia mensagens de Nick.

De repente, ela teve vontade de chorar. Queria tanto ter passado o dia todo com ele, mas perdera o encontro. Não só isso, ela o magoara. Ela lhe dera o cano.

Com um nó na garganta, deslizou pelas mensagens. A primeira era a que havia visto de manhã. Ela estava prestes a respondê-la quando o Sr. Solt chegara.

Estou no metrô!

Cheguei!

Tudo certo? A gente ainda vai tomar café?

Joan, tá tudo bem?

Ela engoliu em seco. A primeira mensagem era de 7h39 da manhã; a última, das 18h23. Olhou o celular, sem saber ao certo o que dizer. Enfim, decidiu por:

Desculpa. Eu estou bem. Tive um problema de família.

“Você roubou tempo daquele homem”, dissera a avó, “e então o usou para viajar desta manhã para esta noite. Você viajou no tempo.”

Joan se jogou sentada na cama. Seu primeiro instinto desesperado foi cobrir o rosto com os braços e bloquear tudo. Isso não tinha como estar acontecendo. Não podia aguentar uma coisa dessas.

A avó havia dito que Joan roubou tempo do Sr. Solt, que ele morreria mais cedo por causa dela. Mas não podia ser verdade. Joan não o machucaria. Jamais.

E o resto era... simplesmente impossível.

Porém, o relógio de cabeceira dizia que era 1h15 da manhã. Isso era real. E Joan havia saído para a cafeteria menos de uma hora atrás. O que também era real.

Monstros. Os familiares de Joan sempre se chamavam assim. Por que ela nunca tinha perguntado o motivo?

Ficou olhando o relógio piscar. Três minutos se passaram na mesma velocidade de sempre. 1h45. 2h30. Não parecia nada natural estar desperta desse jeito tão tarde da noite. Era como viajar para outro fuso horário e ter um *jet lag*.

E esse pensamento despertou algumas memórias. Como quando Ruth parecia superanimada e, de repente, uma hora depois, exausta o suficiente para cair na cama e dormir a noite toda. Como quando Bertie trocava de roupa cinco vezes em um mesmo dia.

Ruth e Bertie... Se fosse verdade, então eles sabiam desde sempre. *Eles* roubaram vida das pessoas. “Ele vai morrer meio dia antes do que deveria”,

dissera a avó sobre o Sr. Solt. E ela parecia nem se importar. Como se realmente fosse um monstro. A ideia era insuportável.

6h30 da manhã. 7h30. Pouco depois disso, Joan deve ter caído no sono.

Ela sonhou que estava fora da cafeteria de novo, com o Sr. Solt. Só que, desta vez, quando ele a empurrou, ela se virou, pôs as mãos em volta de seu pescoço e *apertou*. Ele engasgou e lutou, mas, apesar de seu tamanho, ela estava de alguma forma mais forte.

E então, como no acionar de um interruptor, o dia virou noite.

A voz do Sr. Solt veio da escuridão: *“Você é um monstro.”*

Ela acordou com um pulo. As cortinas estavam abertas e o céu lá fora, surpreendentemente branco. Joan ergueu as mãos para o próprio pescoço e sentiu a fragilidade dos músculos quando engoliu. Que tipo de sonho era aquele? Que tipo de pessoa tinha um sonho assim?



Lá embaixo, na cozinha, Ruth comia torradas com Marmite. O relógio da cozinha marcava três e meia. Joan não estava entendendo. Ruth tomando café da manhã. Estava claro lá fora. O relógio marcava três e meia. Essas coisas não faziam sentido juntas. Então seu senso de tempo se ajustou de repente: três e meia da tarde.

Ruth ergueu os olhos:

— Ei! Não acredito que você não me acordou quando chegou em casa! Me conta sobre seu encontro com o nerd bonitão! Conta tudo! — Ela soava tão normal que Joan sentiu outra onda de confusão. — Foi incrível? Vocês... — Ela juntou os lábios num beijo exagerado.

— Eu perdi o encontro — Joan se ouviu dizer.

— Perdeu? — A animação de Ruth desapareceu. — Você perdeu o *encontro*? Como assim? Saiu tão animada.

Joan olhou para ela. O cabelo de Ruth estava todo armado. Sua jaqueta tinha grandes ombreiras e a maquiagem estava meio borrada. Parecia que havia acabado de chegar de uma festa com temática dos anos 1980.

Ou dos anos 1980.

— É verdade, não é? — perguntou Joan devagar.

Ruth estava começando a franzir a testa:

— O que é verdade?

— Nós somos monstros. Monstros *de verdade*. Nossa família rouba vida de humanos.

Joan não conseguia tirar os olhos do rosto familiar de Ruth. Ela a conhecia desde sempre, desde antes de saber falar. Às vezes, nos verões, elas dividiam o quarto. Discutiam sobre coisas tolas e depois faziam as pazes de novo. Ficavam acordadas a noite inteira, conversando sobre qualquer assunto. Joan sentiu um nó na garganta. “*Dê risada*”, ela pensou para Ruth. “*Por favor. Ou pareça confusa. Ou negue tudo. Me diz que eu estou louca.*”

“*Por favor, Ruth. Por favor. Diz que não é verdade.*”

Ruth abriu e fechou a boca, como se não tivesse certeza do que falar. Era estranho vê-la assim, indecisa. Normalmente ela era tão determinada sobre tudo.

— Alguém te contou? — disse, por fim.

Um horror pesou no fundo do estômago de Joan. Era verdade. O que a avó dissera na noite anterior era verdade.

— Por que *você* não me contou? — disparou Joan.

A cor estava deixando o rosto de Ruth:

— Joan...

— Você rouba vida das pessoas? A vó? O Bertie? — Toda a família Hunt. Joan sentiu que ia vomitar. — Ruth, isso é tão errado! É errado

mesmo! É *cruel*! — Um pensamento terrível cruzou sua mente. — Você já roubou vida do meu pai? De mim?

Ruth pareceu chocada:

— É claro que não. Como você pode pensar isso?

Joan se afastou para o corredor. Seu estômago revirou. Ia mesmo vomitar.

— Ei! — disse Ruth. Ela se levantou da cadeira. — Aonde você vai? Você precisa falar com nossa vó, tá?

— Falar com nossa vó? — disse Joan, incrédula. — Não quero falar com nenhum de vocês!

Ela precisava sair daquela casa. Precisava ir para longe da família.

— Joan...

— Não! — A voz de Joan falhou. Ela se afastou mais. — Nunca mais quero ver *nenhum* de vocês!